

ELEMENTOS PARA UMA DEFINIÇÃO DE ALGUNS
INVARIANTES DA LINGUAGEM

MARIA HENRIQUETA COSTA CAMPOS

Universidade Nova de Lisboa

Fazendo apelo a representações topológicas rudimentares em termos da construção de um domínio nocional constituído por um "interior", um "exterior" e, eventualmente, uma "fronteira", a autora esboça a caracterização do comportamento sintáctico e semântico do marcador já com valor nocional e com valor misto (nocional, temporal, aspectual).

E, retomando a hipótese referida num artigo de 1983, mas aí não desenvolvida, segundo a qual existiria uma zona semântica comum à heterogeneidade dos valores atribuíveis a já, tenta definir um conjunto de operações linguísticas subjacentes a esses diferentes valores, permitindo assim falar de um fenómeno de invariância na variabilidade das significações filtradas pela diversidade dos contextos linguísticos.

ELEMENTS TOWARDS A DEFINITION OF SOME

INVARIANTS IN LANGUAGE

Rudimentary topological representations in terms of the elaboration of a notional realm formed by an "interior", an "exterior" and, eventually, a "frontier", enable the author to sketch the syntactic and semantic functioning of the marker já with notional and mixed (notional, temporal, aspectual) value. And taking back the hypothesis referred (but not develo-

ped) in an article written in 1983, according to which there would be a semantic area common to the heterogeneity of já values, the author tries to define a set of linguistic operations underlying those different values. It is then possible to mention a phenomenon of invariance in variability of meanings filtered through the diversity of linguistic contexts.

É objectivo desta apresentação esboçar a descrição de uma possível invariância na variabilidade dos valores que assume uma forma linguística.

Escolhi a forma já, tradicionalmente designada de advérbio, e conduzirei a análise dentro da perspectiva da teoria formal enunciativa.

O interesse manifestado nos últimos anos por formas aparentemente insignificantes como a que aqui vamos tratar - tão insignificantes que em muitas gramáticas quase não são referidas - acompanha, por um lado, o desenvolvimento de estudos sobre a sintaxe do oral, por outro lado, a integração de parâmetros enunciativos na análise linguística. Ao ultrapassar o privilégio de que goza o escrito em relação ao oral e a exclusividade do texto como produto em relação às condições teóricas da produção-reconhecimento, a atenção do estudioso da língua é despertada para determinadas formas que só na interacção verbal manifestam a diversidade dos valores que podem assumir e que é impossível não relacionar com os parâmetros definidores da situação de enunciação.

Ao ensaiar, em 1983, a descrição do valor aspectual de já, habitualmente designado de valor "durativo" ou de "distância", pus, como hipótese tacitamente consensual, a existência de uma zona semântica comum, subjacente às divergências em superfície. É essa

zona semântica que aqui tentarei delimitar, ciente de que se trata de uma tarefa ambiciosa que põe em jogo fenômenos linguísticos de natureza muito diversa. Na impossibilidade de, nesta ocasião fazer uma análise visando minimamente a exaustividade, referirei apenas alguns valores que me parecem produtivos.

1. A forma linguística já é marcador de operações que podem incidir sobre domínios diversos. Vou dividir, esquematicamente, esses domínios em quatro grupos principais, adaptando, em certa medida, a proposta de Franckel (1982) para o francês déjà, embora muito poucos, dos numerosos valores de já, correspondam a déjà.

1.1. Domínio aspectual-temporal

- (1) a Ana já está em casa
- (2) o Rui já escreveu a carta
- (3) ele já tinha chegado quando a Eva telefonou
- (4) amanhã a estas horas já ela terá dito o sim

Nestes e noutros exemplos, que um levantamento das restrições de coocorrência pode delimitar, já tem valor "durativo", que resulta do trabalho sobre classe de instantes. Que operações se encontram subjacentes a já durativo?

Recorrendo a uma topologia elementar de intervalos, pode representar-se o valor aspectual-temporal de já durativo que ocorre nos enunciados acima sobre uma recta contínua cronologicamente orientada:

- (I) $\frac{\text{"a Ana não está"} \quad \xrightarrow{t} \quad \text{"a Ana está"}}{T \quad T' = T_0}$ (1) a Ana já está...
- (II) $\frac{\text{"o R. não escreveu a carta"} \quad \xrightarrow{t} \quad \text{"a carta está escrita"}}{\text{"o R. escreveu"} \quad T \quad T' = T_0}$ (2) o R. já escreveu

ro ponto é definido pelo evento / o rapaz partir /, que constitui a fronteira atravessada.

Portanto, quando $T' = T_0$, o tempo da enunciação pertence à classe de instantes associada ao estado resultante. E ao longo de todos os instantes, incluindo em T_0 , permanecem inalteradas todas as propriedades que definem o estado. O que permite explicar em termos formais a não-aceitabilidade do enunciado (5), se produzido em data posterior à morte do compositor:

(5) Beethoven já escreveu nove sinfonias

O enunciado correspondente em francês é proposto por Hoepelman e Rohrer (1978:131), para ilustrar um valor de "expectativa" de déjà que determinaria que "si je prononce cette phrase aujourd'hui, elle est sémantiquement incorrecte".

Num outro plano, mas em estreita relação com o que acabámos de descrever, situa-se a organização temática do enunciado marcada pela ocorrência de já. Chamo a atenção para o facto de que usarei o termo "tópico" numa acepção próxima da de "tópico pragmático", a que não corresponde necessariamente, no plano textual, o "tópico sintáctico" (ver definições de Gundel (1985:86)).

A organização temática em tópico e comentário pode não estar marcada no enunciado coincidindo eventualmente com a estrutura sintáctica tradicional em sujeito e predicado. Em o Rui escreveu a carta, por exemplo, marcadores prosódicos diferentes podem indicar que o Rui é o tópico e que o comentário é o facto de "ele escrever a carta" em T; ou que o tópico é a relação não saturada / () escrever a carta/, sendo o comentário o facto de o Rui, entre outros, ser referido por uma expressão que pode instanciar o lugar vazio (), acompanhado da referência temporal; ou ainda, num enunciado tipo exclamativo, poderia não haver uma distinção entre tópico

e comentário.

A ocorrência de já no enunciado marca-lhe explicitamente a organização temática. Utilizando o enunciado (2) como exemplo: o tópico corresponde à pré-construção de um domínio nocional associado à relação predicativa / o Rui escrever a carta /. Esse domínio nocional é estruturado em duas zonas, ambas representáveis como "abertos": um "Exterior" onde se localizam as ocorrências de "o Rui (ainda não) escreveu a carta" e um "Interior" que localiza as ocorrências de "o Rui (já) escreveu a carta". Quanto ao comentário, resulta da série de operações atrás descritas, subjacentes a já : é construída a fronteira entre o Exterior e o Interior, essa fronteira é atravessada e localizada como anterior a um ponto de referência que coincide com um dos instantes que constituem o Interior. Em (2), o ponto de referência é o próprio tempo da enunciação To.

Vou exemplificar em termos menos técnicos: se, em situação de interlocução, alguém perguntar:

(i) que é feito do Sr. X?

a resposta adequada será (ii) e não (iii):

(ii) o mês passado estava doente

(iii) o mês passado já estava doente

Mas (iii) seria aceitável na sequência da "pergunta" (iv):

(iv) sabes? o Sr. X está doente

Enquanto que, em (ii), o tópico é o Sr. X, introduzido pela pergunta (i), e comenta-se o seu estado de doença, em (iii) o tópico é o estado de doença do Sr. X, (pré)construído pela enunciação de (iv), e o comentário é a construção de um valor aspectual-temporal desse estado, em relação a um ponto de referência determinado.

É corrente considerar-se o já durativo como um valor puramente aspectual. E assim é, se atendermos à diferença entre os

enunciados (1) e (2) e os correspondentes (1') a Ana está em casa e (2') o Rui escreveu a carta. Com efeito, em (1) e (2) já nada acrescenta à localização temporal, se (1') e (2') corresponderem também a localizações no plano enunciativo. Mas se atentarmos em (3), verificamos que já é marcador da localização da anterioridade de T ("a chegada dele"), em relação a T' ("quando ela telefonou"). Se eliminarmos já, obtem-se um enunciado (3') ele tinha chegado quando ela telefonou; em que a relação entre T e T' é de simultaneidade, na maioria das interpretações. Daí que, visando a generalização do emprego do já durativo, eu prefira falar de valor aspectual - temporal.

1.2. Ainda no domínio aspectual-temporal se situa a ocorrência de já em (6):

(6) O Rui já escreve a carta

Mas (6) é passível de duas interpretações: na primeira, (6'), informa-se que o Rui escreve a carta e que o fará imediatamente. Pode ser a resposta à pergunta: Então o Rui escreve ou não escreve a carta? A segunda interpretação, (6''), pode glosar-se por "o Rui resolveu finalmente escrever a carta" e não contém qualquer localização temporal.

Voltemos à primeira interpretação de (6) em que já tem um valor aspectual-temporal que designarei de "imediatez".

Ao contrário do já durativo, o já de imediatez marca a simultaneidade entre a realização do acontecimento linguístico e o tempo da enunciação. O acontecimento é construído linguisticamente como realizado, em já (= To), sem dimensão temporal. Daqui decorrem duas restrições:

1º o já de imediatez não coocorre com predicadores que tenham a duração como traço inerente (estados, actividades), só

coocorre com eventos;

- 2º o já de imediatez só coocorre com tempos gramaticais que marquem a simultaneidade entre o acontecimento linguístico e o To da enunciação, isto é, o presente, e ainda o imperfeito, quando se trata de enunciação relatadas.

Estas restrições parecem apontar para uma relação de complementaridade distribucional entre o já durativo e o já de imediatez. Mas trata-se de uma generalização abusiva. Com efeito, enquanto o já durativo pode surgir numa localização no plano enunciativo ou em ruptura com o plano enunciativo, o já de imediatez só é compatível com a localização no plano enunciativo, isto é, é sempre ancorado em To (para um tratamento mais minucioso do já durativo, ver campos (1983)).

Também neste caso se marca a organização temática: o tópico remete para a pré-construção do domínio nocional (Interior e Exterior) associado à relação predicativa /o Rui escrever a carta/; o comentário corresponde ao valor temporal de simultaneidade acima referido e ao valor aspectual da realização do evento: passagem da fronteira e localização de todas as ocorrências no Interior, isto é, a passagem é sempre feita do Exterior para o Interior. O sentido inverso (do Interior para o Exterior) levaria à negação da interpretação (6''), com o Rui já não escreve a carta, e não à negação do valor de imediatez.

Associado a este valor aspectual-temporal e com ele facilmente confundível é o valor puramente temporal que ocorre em (7) em resposta a quando é que o Rui escreve a carta?.

(7) o Rui escreve a carta já

Dos empregos de já, é este o único que no uso actual, se pode designar de adverbial. É substituível por imediatamente e faz parte da classe de localizadores temporais (amanhã, esta semana, em

finals de 1986, etc) de que quando é a imagem.

A diferença sintáctica e prosódica que distingue, no enunciado, os dois valores de imediatez, corresponde uma diferença semântica na organização temática: o tópico, agora, é a própria relação predicativa com o valor aspectual de evento realizado, o comentário é apenas a localização temporal.

A propósito do valor temporal de já, um exemplo de Franckel (1983:148), adaptado ao português, mostra como numa situação de interlocução é possível jogar, retrospectivamente, com a organização temática de um enunciado:

(8) X: vou casar-me!

Y: já?

A enunciação de Y des-contrói a tematização construída por X, construindo, retrospectivamente, uma nova organização temática: X anuncia o seu casamento, como uma "notícia" dada a Y. Este porém anula o carácter da "notícia", ao reconstruir a organização temática da enunciação de X: o casamento de X passa a ser o tópico, conhecimento comum aos dois enunciadores, e "notícia" será apenas a referênciatemporal, com a qual Y se surpreende.

1.3. Domínio aspectual-nocional-modal

Fora do domínio temporal mas mantendo-se no domínio aspectual é o valor de já que ocorre em (9):

(9) isto sim, já é frio.

Tal como o já durativo, também este emprego marca a construção de um estado resultante e do evento que produz esse estado: passa-se do estado definido pelo predicado / () não ser frio/ para o estado definido pelo predicado / () ser frio/. Mas o trabalho agora faz-se no domínio nocional e não sobre classes de instantes.

Como anteriormente, pode descrever-se o valor do enunciado em termos de tópico e comentário ou, por outras palavras, em termos de:

- 1º pré-construção de um domínio nocional associado à relação predicativa não saturada / () ser frio/, constituído por dois abertos, dos quais um é o Interior, que localiza as ocorrências da noção, e o outro é o Exterior, que localiza as ocorrências do complementar linguístico que tiver sido definido pelo contexto discursivo: / () não ser frio/, / () ser quente/, etc.;
- 2º construção da fronteira entre os dois abertos, passagem dessa fronteira, do Exterior para o Interior, com localização, no Interior, das ocorrências que constituem o estado resultante atrás referido.

Mas, em (9), já marca também uma operação de modalização de natureza apreciativa. Glosemos o enunciado (9): "Isto já é frio, quero dizer, tem algumas das propriedades que caracterizam aquilo que eu designo de frio, mas ainda não é verdadeiramente frio". O domínio nocional deve então ser estruturado de tal forma que seja possível representar além do valor aspectual, também o valor modal.

O Interior construído é então munido de um "gradiente", ou escala não métrica, que liga a fronteira a um ponto, o "centro atrator", que serve de referência a qualquer ocorrência da noção, e que se identifica, ele próprio, às ocorrências significando o "alto grau" dessa noção: por exemplo, é mesmo frio, é frio frio!, é frio a valer!, é frio mas friol!, é um gelol!.

Note-se que este processo de mudança de lexema para exprimir o alto grau é bastante corrente em português. As palavras a que se recorre, sejam substantivos como é um gelo para /ser frio/, ou

é um forno, para /ser quente/, ou sejam adjectivos como é Lindo, para /ser bonito/ ou é enorme para /ser grande/, não permitem a localização num gradiente, isto é, não são graduáveis; o que prova que se trata de marcadores da construção do alto grau.

A localização sobre o gradiente pode ser orientada para o centro attractor ou, em sentido inverso, para a fronteira. Assim, situam-se sobre o gradiente, dirigido para o centro attractor, a partir da fronteira: já é frio, é um pouco frio, é bastante frio, é muito frio. E situam-se sobre o gradiente, dirigido para a fronteira, a partir do centro attractor: não é muito frio, é pouco frio, quase não é frio.

1.4. Domínio nocional: valor de oposição

Vamos ver agora um novo emprego de já, como marcador de uma relação interproposicional, podendo essa relação ser estabelecida no interior de uma enunciação ou ligar dois enunciados produzidos em enunciações integrando uma situação de diálogo.

- | | |
|----------------------------|--|
| (10) a Ana escreve ensaios | (a) <u>já</u> o Rui não |
| | (b) <u>já</u> o Rui escreve poemas |
| | (c) <u>já</u> romances não escreve |
| | (d) <u>já</u> o Rui também escreve
ensaios |
| | (e) ? <u>já</u> os políticos têm
muito cabelo |

Vou tentar analisar o valor subjacente a este emprego de já.

Parte-se de uma pluralidade de domínios nocionais (com Interior e Exterior, ambos abertos), pré-construídos pela enunciação da primeira parte da sequência, sendo as ocorrências respectivas localizadas no Interior, como em (10), ou no Exterior, se fosse a Ana não escreve ensaios.

Ao introduzir o segundo membro da sequência, a partícula já; 19) reconstrói o domínio nocional, ao precisar um novo complementar linguístico; 29) define no segundo membro, a partir do primeiro, uma determinada organização temática.

Vou exemplificar com a sequência (10): sendo as ocorrências construídas na primeira enunciação localizadas no Interior do domínio nocional, (a) redefinirá esse Interior como o domínio das ocorrências da relação predicativa não saturada / () escrever ensaios/ e o complementar linguístico será / () não escrever ensaios/; (b) também redefinirá o Interior como o domínio das ocorrências de / () escrever ensaios/, mas o complementar linguístico será / () escrever poemas/; etc.

Por outro lado, o tópico, que é marcado sintacticamente no segundo membro, é constituído por um argumento que não pertence ao primeiro membro mas que tem uma relação de intersubstitucionalidade com algum dos seus elementos, permitindo a definição de um complementar linguístico e portanto de um domínio nocional. É por esta razão que a sequência (10e) não é aceitável excepto talvez em discurso humorístico; uma condição de coerência deve, a meu ver, ser definida com mais precisão no contexto de uma gramática transfrástica.

Em (10d) temos um caso particular que me leva a pôr a hipótese de existir uma componente polémica neste valor de já. (10d) é uma sequência aceitável. Mas se retirarmos a forma também torna-se menos aceitável por conter uma contradição: (10d')? a Ana escreve ensaios; já o Rui escreve ensaios. Com efeito, já marca a localização no Exterior das ocorrências construídas no segundo membro, em alteridade com as ocorrências do primeiro membro situadas no Interior. Mas, ao mesmo tempo, essas ocorrências deverão situar-se no Interior, por serem ocorrências da mesma relação predicativa não saturada. A introdução de também permite anular a contradição. O alcance de também, desambiguizado pela tematização marcada, coloca

o Rui entre os objectos sobre os quais se pode repetir a predicação anterior. Portanto, a uma alteridade marcada por já (localização no Exterior), segue-se uma recolocação no Interior, por efeito da operação subjacente a também.

1.5. Domínio nocional: valor de disjunção exclusiva

(11) E verdadeiramente quem vir, na escuridão da noite, aquelas fornalhas teasmendas perpetuamente ardente (...); as caldeiras ou lagos ferventes com os cachões sempre batidos e rebatidos, já vomitando espumas, já exalando nuvens de vapores (...) (P.^e António Vieira).

O emprego repetido de já como "conjunção coordenativa alternativa" (Cunha e Cintra, 1984:576), caiu praticamente em desuso. Por isso recorri a um exemplo do P.^e António Vieira. Vou tentar relacionar este valor, com os que foram atrás descritos.

Se a conjunção já ... já fosse suprimida, desapareceria a relação de disjunção exclusiva entre os acontecimentos construídos, que poderiam ser simultâneos ou não, e corresponderiam a domínios nocionais sem qualquer relação entre si.

Ao marcar o carácter necessariamente alternativo daqueles acontecimentos, a conjunção já ... já apresenta as ocorrências respectivas como se se tratasse das ocorrências de uma noção e do seu complementar linguístico, localizadas, umas no Interior, outras no Exterior de um mesmo domínio nocional, pela passagem da fronteira entre Exterior e Interior, ora num sentido, ora no sentido inverso.

Assim, mais uma vez se encontra, subjacente a já, a passagem de uma fronteira e a construção de um valor de alteridade entre ocorrências localizadas no mesmo domínio nocional, correspondendo, aqui, a uma comutação iterada.

A organização temática apresenta-se neste caso em termos diferentes dos anteriores: o tópico é identificado ao sujeito gramatical (as caldeiras ou lagos ferventes) e o comentário é constituído por dois predicados (vomitando espumas, exalando nuvens de vapores) estruturando um domínio nocional como acima se descreve.

2. Muitos outros valores se podem atribuir a já. Por exemplo:

(12) já é preciso ter coragem!

(13) esse homem já é feio! (variedade falada em Cabo Verde)

Em (12) e (13), já parece ter valor fundamentalmente modal. Funciona como marcador de superlativação, isto é, da identificação das ocorrências da relação predicativa com o alto grau da noção respectiva, assim localizadas no centro atractor.

Noutros casos, o valor modal é mais complexo ao pôr em jogo a localização temporal sem, no entanto, ter valor temporal:

(14) que bom! ele já volta amanhã (no próximo mês, daqui a um ano)

(15) eu vou a pé porque moro já ali.

Poderia, a propósito do valor modal que ocorre em (14) e (15) e do valor aspectual-temporal de já, falar-se da construção de um valor de "proximidade". Este teria de ser definido em termos de vizinhança(s) de um ponto localizador identificado com a situação de enunciação origem Site (So, To) (para a coocorrência de já com os marcadores aquí e ali da deixis espacial, ver Leitão (1985), neste mesmo volume.

Por não ser possível, nesta exposição, fazer a análise, ainda que superficial, de um grande número de ocorrências de já, irei partir dos exemplos apresentados para tentar definir uma zona de invariância.

3. Que tipo de invariância posso pretender definir?

A teoria formal enunciativa, que enquadra esta abordagem, considera que é objectivo da Linguística o estudo da linguagem, enquanto actividade significante, a partir da sua manifestação na diversidade das línguas naturais e dos textos.

A observação minuciosa de enunciados, submetidos a manipulação controlada, permite pôr hipóteses sobre a constituição e o funcionamento da linguagem em termos metalinguísticos de operações que se combinam para produzir um enunciado, definido como agenciamento de marcadores dessas operações. Logo, ao tentar isolar a invariância sob a variabilidade dos empregos de uma forma linguística, descrevem-se, numa primeira etapa, os diferentes conjuntos de operações subjacentes a essa forma linguística. Numa etapa posterior, procura isolar-se um possível núcleo que seja intersecção desses conjuntos.

4. Uma análise das descrições feitas possibilitará definir um núcleo de invariância dos valores de já.

a) domínio aspectual-temporal:

a1) valor durativo: pré-construído o domínio nocional (Int, Ext) da relação predicativa sobre que se opera - falamos atrás de "tópico": construído o valor aspectual-temporal (fronteira, passagem da fronteira, estado resultante, localização em relação a T'): valor de alteridade - falamos de "comentário".

a2) valor de imediatez: pré-construído idêntico ao anterior; construído o valor aspectual-temporal (fronteira, passagem da fronteira identificada com a realização do evento para que remete a relação predicativa, localização em To): valor de alteridade - comentário.

b) domínio temporal:

pré-construído o domínio nocional associado à relação predicativa e determinado valor aspectual - tópico: construída a localização temporal - comentário.

c) domínio aspectual-nocional-modal:

pré-construído o domínio nocional (Int, Ext) associado à relação predicativa - tópico; construído o valor aspectual (fronteira, passagem da fronteira, estado resultante) e o valor modal: valor de alteridade - comentário.

d) domínio puramente nocional:

d1) valor de oposição: pré-construído o conjunto de domínios nocionais associados à relação predicativa saturada. Mas o tópico é constituído por um novo argumento; construído um complementar linguístico, de que resulta um valor de alteridade - comentário.

d2) valor de disjunção exclusiva:

construído: 1º) um tópico sintáctico constituído por um argumento comum a duas relações predicativas e 2º) um domínio nocional em que essas relações predicativas funcionam uma como complementar linguístico da outra, o que corresponde a um valor de alteridade - comentário.

Em conclusão: à excepção do valor puramente temporal, as ocorrências de já aqui estudadas apresentam como núcleo comum a construção de um valor de alteridade que resulta de determinada estruturação de um domínio nocional em que se localizam as ocorrências da relação predicativa, ou das relações predicativas, sobre as quais incidem as operações de que já é marcador. Esse valor corresponde, em organizações temáticas diversas, ao comentário.

Neste núcleo se podem integrar as ocorrências construídas

pela enunciação de (14) e (15), que estão próximas dos valores aspectuais-temporais de imediatez, mas não pela enunciação de (12) e (13), em que não se pode falar nem de distinção entre tópico e comentário, por estarmos perante exclamativas marcando o alto grau, nem de alteridade, por só haver construção do Interior, com cujo centro attractor se identificam as ocorrências da noção.

Ao falar de alteridade, a necessidade de demarcar já de já não leva-me a falar de "perfectividade" em oposição a "imperfectividade". O que, nesta busca de invariância, talvez permita beneficiar enunciados como (12) e (13) que atrás tinham sido excluídos, mas nos levaria a excluir os enunciados (10). Assim, o invariante proposto se revela uma miragem. Ou deverei falar de "invariantes" e não de "invariante"?

5. O trabalho de investigação em Linguística deve, como nas outras ciências, ser objecto de discussão e posterior reformulação, em bases cada vez mais seguras. É o que espero da apresentação que aqui fiz e que constitui uma proposta a ser aperfeiçoada e completada com o estudo de outros valores de já e também das formas que lhe são complementares: já não, ainda, ainda não.

Os resultados da abordagem teórica de um problema podem inicialmente parecer pobres em relação à pura descrição. Mas - e para terminar cito Jean-Claude Milner um pouco livremente - as gramáticas teorizadas têm, em muitos pontos, vantagem sobre as gramáticas de pura observação, na medida em que, ao afinarem os seus caminhos, fazem surgir dados de cuja existência nem sequer se suspeitava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, M.H.C. (1983) - "Le marqueur 'já': étude d'un phénomène aspectuel". A publicar no Boletim de filologia.
- CULIOLI, A. (1978) - "Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique". In David e Martin (eds) (1980), 181-193 .
- CULIOLI, A. (1981) - "Sur le concept de notion". BULAG 8, 62-79.
- CULIOLI, A. (1982) - Rôle des représentations métalinguistiques en syntaxe. Université Paris 7.
- CUNHA, C. e L. Cintra (1984) - Nova Gramática do Português Contemporâneo. Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- DAVID, J. ; R. Martin (eds) (1980) - La notion d'aspect. Paris, Klincksieck.
- DESCLES, J.P. (1978) - "Construction formelle de la catégorie grammaticale de l'aspect". In David e Martin (1980), 195-237.
- FRANCKEL, J.-J. (1982) - "Déjà". BULAG 9, 108-128.
- FRANCKEL, J.-J. (1983) - "Aspects et énonciation. Description et représentation de certaines déterminations aspectuelles" In Fischer, S.; J.-J.Franckel (eds)- Linguistique, énonciation. Aspects et détermination. Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 115-155.
- GUNDEL, J.K. (1985) - "'Shared Knowledge' and Topicality". Journal of Pragmatics 9, 83-107.
- HOEPELMAN, J.; C.Rohrer (1978) - "'Déjà' et 'encore' et les temps du passé du français". In David e Martin (1980), 119-143.
- LEITÃO, M.T. (1985) - "Valores temporais e espaciais de alguns defectivos de lugar". Comunicação ao 19 Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, 2 a 4 de Outubro de 1985.
- LOPES, O. (1971) - Gramática Simbólica do Português. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MILNER, J.C. (1984) - "Pour la constitution d'une grammaire scientifique du français". In Groupe "Grammaire scientifique du français" - Recherches sur l'anaphore. Université Paris 7, 7-9.

DEBATE

ÓSCAR LOPES. Eu não vou entrar propriamente em discussão porque, até exactamente a forma precisa com que problemas de semântica, de pragmática, relativos ao uso do "já" foram aqui apresentados, suscitam um tipo de discussão lenta, paciente, formalizada, pelo menos diagramatizada, que não é fácil. Devo dizer, em geral, que me parece que o tipo de abordagem é extremamente feliz. Parece-me que é um bom exemplo de como se pode subsumir uma variância numa invariante. A invariante aqui escolhida foi de ordem topológica. E, se consigo reconstituir no conjunto o pensamento da Dr^ª Maria Henriqueta Campos, parece-me que a ideia fundamental é esta: a gente não pode compreender o "já", e até um grupo de operadores de fronteira que com ele estão relacionados, como o "ainda não", o "ainda" e o "já não", não os podemos compreender sem determinadas noções de topologia e mais ainda, sem determinadas topologias de ordem - por isso é que falou em " gradiente ".

É evidente que temos aí o eixo do tempo. Bom, parece-me que a ideia fundamental é esta. Em primeiro lugar, para a compreensão de morfemas como este, ou de operadores como este, é completamente, absolutamente indispensável manejar instrumentos de análise a que nem sempre os linguistas estão acostumados, e que muitas vezes desprezam. Esses instrumentos existem para muitas outras ciências; o que se está a verificar é que elas também são necessárias para a linguística, nomeadamente instrumentos que dizem respeito a uma análise, não apenas algébrica, de diversos tipos, mas a uma análise de tipo topológico. Aqui falou-se frequentemente - e era indispensável falar - numa ordem, quer quando diz que o "já" tem uma função temporal ("a Ana já está em casa"), quer quando tem uma função que diz que é nocional ("o Rui já escreve a carta", no sentido de "o Rui já está disposto a escrever a carta" ou "já é

possível que ele escreva a carta"), quer quando é preciso admitir que há uma mudança de tópico, e portanto há qualquer coisa que se insere não apenas num enunciado de uma frase, mas numa relação de conhecimento ou de comunicação entre pelo menos duas pessoas, o "já" funciona normalmente como indicador da fronteira inicial. Então, parece-me que essa ideia é importante, mas mais importante é seguir toda a variância que se pode inscrever nessa invariante que aqui procurou definir. O que há de comum em tudo isto é que há sempre uma ordem.

Se a gente diz que "fulano não fala chinês", "sicrano também não fala chinês", mas "beltrano já fala chinês", é claro que não estamos aqui propriamente perante uma relação de ordem, mas estamos perante uma relação qualquer. Quer dizer, há três elementos que são indiciados 1, 2, 3, e traça-se uma fronteira entre 2 e 3. Exactamente do tipo que ali está: há um attractor e há uma fronteira. Parece-me que foi muito feliz também a propósito de, por exemplo, "o Rui escreve a carta já". Este exemplo parece-me extremamente interessante porque o "já" marca uma fronteira, mas realmente essa fronteira é vista retrospectivamente; quer dizer, o tempo de iniciação, o T_1 , é posterior, mas na verdade nós temos o paradoxo de dizer umas vezes que "ele já veio" e noutras vezes que "ele vem já". E quando "ele já veio" há uma fronteira que nós imaginamos anterior ao tempo de relação, ou de referenciação, e quando "ele já vem" nós imaginamos uma fronteira que todavia é posterior. Bom, eu friso este exemplo apenas para dizer que há certas coisas àcerca das quais eu fico a reflectir porque me parece que há aqui um jogo extremamente complexo. Há um jogo que tem a ver com os tempos, e com o tipo dos predicados. Como diase, os predicados de estado e de processo têm duas fronteiras: a inicial e a final. Portanto, aí é muito provável que entre o jogo do "ainda não", do "já", do "ainda" e do "já não". Duas fronteiras

que é preciso acordar. Mas quando se trata de um 'achievement', quando se trata de um verbo télico, de um predicado em que é preciso considerar uma fronteira, as coisas põem-se de tal maneira que é possível considerar a fronteira como não sendo já passado mas como sendo um futuro, porque não há confusão possível entre as duas fronteiras. E então já é possível "o Rui escreve a carta já". Para mim, a novidade que trouxe mais que importante foi (e eu vou terminar com isto, e não vou insistir) que este tipo de metalinguagem reconstrutora do próprio processo, digamos assim, da 'semiosis', que esta reconstrução, em termos de topologia e topologia de ordem, tem não apenas uma grande variabilidade que se pode explicar em função da topologia dos predicados, em função dos tempos e dos aspectos, digamos assim, morfológicos que estão em jogo, mas é preciso também ter em consideração situações de comunicação, o que se disse antes, e qual o tópicos de que se muda, porque muitas vezes o "já" é a mudança de um tópicos - "já é preciso ter coragem" - por exemplo. Bom, portanto eu venho só trazer-lhe, se é que é necessário, o apoio. Fiquei muito satisfeito. É um tipo de problemas em que trabalhei há dois ou três anos. Há aqui na sala, provavelmente, um colaborador meu - Sérgio Matos - que está a trabalhar precisamente num assunto semelhante a este, e eu entreguei-lhe a pasta, e deixei de pensar. Verifico com muita satisfação, que aprofundou ainda mais uma comunicação que já tinha feito a respeito do "já".

JOSÉ KATUPHA. Bom, eu achei muito importante esta apresentação, porque na tentativa de sistematização do aspecto nas línguas em que eu trabalho tenho-me debatido com este problema, sobretudo o problema da sistematização tipológica de certos, chamemos, modalizantes, ou de certos morfemas que expressam o aspecto, ou o modo ou a modalidade de uma forma verbal. Uma das coisas que eu achei

que o trabalho seria muito mais interessante, seria de facto a tentativa de sistematizar o tipo, como diz o Prof. Óscar Lopes, de predicados, i.e., o léxico com que o "já" ocorre para expressar um certo tipo de sentido. Isto porque por exemplo, no exemplo 5, onde diz "Rui já escreve a carta", a interpretação que foi dada foi a de haver duas interpretações; mas se eu disser "Rui já sabe falar inglês" a interpretação será diferente. E se nós pegarmos no exemplo 6 e dissermos "o Rui escreve a carta já", vou encontrar que, se eu disser "Rui sabe falar inglês já", esta frase em português é um bocado agramatical. Isso dá-me a entender que o escrever e o saber falar já têm em si, inerente em si, um aspecto, o aspecto semântico. E portanto uma tentativa de fazer uma topologia dos predicados, digamos, do léxico com que o "já" ocorre, pode ajudar talvez a fazer uma análise mais coerente. Era este aspecto que eu queria focar.

MARIA HENRIQUETA COSTA CAMPOS. Vou responder primeiro ao Katupha, se o Dr. Óscar Lopes não se importa. Eu referi, no meu texto, um artigo que escrevi em 1983 e que será publicado no próximo número do Boletim de Filologia, espero que nos princípios do próximo ano, em que apresento precisamente uma tipologia, dos predicados que se podem combinar com o "já" durativo, i.e., faço aí um levantamento das restrições de coocorrência do "já" durativo. Aqui refiro rapidamente - é natural que nem sequer tenha dado conta, porque eu a dada altura falei muito depressa, como vê, ultrapassei largamente o tempo que me era distribuído, e não poderia, de forma nenhuma, apresentar aqui restrições de coocorrência dos outros valores de "já". Portanto, aponto rapidamente para o "já" de imediatez precisamente antes de dizer que há, ou pode parecer que há, uma relação de complementaridade distribucional. Mas acho muito interessante que se faça esse trabalho, talvez o mestrando, que trabalha

com o Prof. Óscar Lopes sobre o "já", possa fazê-lo; eu não me importo de o fazer com outra pessoa.

Em relação ao que diz o Prof. Óscar Lopes - "O João não fala inglês", "O Manuel não fala inglês", "Já o Rui fala inglês" - pois o "já" tem um valor, subjacente ao qual estará uma operação de percurso, que é uma das operações que é apresentada na Teoria Formal Enunciativa, e que é extraordinariamente produtiva. Eu tenho alguns exemplos precisamente desse valor de "já", mas é evidente que não os apresentei aqui. Um dos exemplos, vou tentar reconstituí-lo de memória: "As naus saíram, chegaram ao porto, ficaram lá não sei quantos dias porque não havia vento para elas poderem sair do porto. Finalmente, começou o vento e elas já puderam sair" - este "já", exactamente como marcando a ordem, um percurso de acontecimentos em que o "já" vai marcar precisamente a tal alteridade. .

Pois eu acho que é um fenómeno extraordinariamente complexo, e pretender descrevê-lo é perfeitamente utópico, neste caso. Nem sempre as coisas que se dizem são completamente certas, até em estudos feitos por grandes linguistas estrangeiros, por exemplo o Franckel diz que: "Falemos da doença do senhor X, o senhor X já estava doente o mês passado", para o Franckel isso implica que ele esteja doente nesta altura, i.e., está agora e estava no momento da enunciação. Eu acho que não é necessário isso, em relação a um ponto de referência que é marcado entre essa fronteira e o T_0 , mas é necessário que seja em T_0 . Ele pode ter morrido, por exemplo. Há uma série de problemas de natureza pragmática, e não sei se se poderá alguma vez dar conta, mas eu não pretendo fazê-lo.